

A produção da aula como um ato de mediação didática no ensino de Geografia

The production of the class as an act of didactic mediation in the teaching of geography

La producción d la clase como un acto de mediación didáctica en la enseñanza de la Geografía

Rafaela César dos Santos Sousa

Rede ZeroHum

rafaellasousa288@gmail.com

Ana Claudia Ramos Sacramento

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

anaclaudia.sacramento@hotmail.com

Resumo

Atualmente, as escolas públicas têm sofrido diversos problemas o que tem influenciado na construção do conhecimento. Assim, faz-se necessário pensar no processo de ensino e aprendizagem, pois esses problemas têm acarretado ensinos cada vez menos expressivos para os discentes. Desta forma, é preciso analisar os fundamentos da aula, uma vez que ela é o elemento chave desse processo. Isso porque ela influencia na articulação das ações didáticas, ou seja, na maneira como os docentes irão conduzir a organização e a produção do conhecimento, a partir da relação com seu objeto de estudo: a mediação do saber. Por meio da mediação, o professor busca alcançar o desenvolvimento cognitivo dos conteúdos e conceitos para superar o senso comum. Nesse sentido, o trabalho objetiva discutir sobre a produção da aula como um ato de mediação didática, a partir da análise de dois docentes das escolas públicas de São Gonçalo (RJ), observando a forma que estes produzem o conhecimento. Para isso, escolheu-se como metodologia a etnografia escolar, cujo fundamenta-se em observar e analisar o sujeito na escola, bem como os professores e os alunos. Como resultados, observa-se que os dois professores têm concepções diferentes de aula, numa com concepções mais tradicionais com aulas expositivas, enquanto o outro busca mediar o conhecimento a partir de metodologias diversificadas e de representações vividas pelos estudantes para ensinar geografia.

Palavras-chave: Mediação. Conhecimento Geográfico. Aula.

Abstract

Currently, public schools have suffered several problems that have influenced the construction of knowledge. Thus, it is necessary to think about the process of teaching and learning, as these problems have led to teachings that are less expressive for students. In this way, it is necessary to analyze the fundamentals of the lesson, since it is the key element of this process. This is because it influences the articulation of didactic actions, that is, in the way in which teachers will lead the organization and production of knowledge, from the relation with their object of study: the mediation of knowledge. Through mediation, the teacher seeks to achieve the cognitive development of content and concepts to overcome common sense. In this sense, the work aims to discuss the production of the class as an act of didactic mediation, based on the analysis of two teachers from the public schools of São Gonçalo (RJ), observing the way they produce knowledge. For this, school ethnography was chosen as methodology, based on observing and analyzing the subject at school, as well as teachers and students. As a result, it can be observed that the two teachers have different conceptions of the

classroom, one with more traditional conceptions with lectures, while the other seeks to mediate knowledge from diverse methodologies and representations lived by students to teach geography.

Keywords: Mediation. Geographical Knowledge. Class.

Resumen

Actualmente, las escuelas públicas han sufrido diversos problemas lo que ha influido en la construcción del conocimiento. Así, se hace necesario pensar en el proceso de enseñanza y aprendizaje, pues estos problemas han acarreado en enseñanzas cada vez menos expresivas para los alumnos. De esta forma, es necesario analizar los fundamentos de la clase, ya que es el elemento clave de ese proceso. Esto porque influye en la articulación de las acciones didácticas, es decir, en la manera como los docentes conducirán la organización y la producción del conocimiento, a partir de la relación con su objeto de estudio: la mediación del saber. Por medio de la mediación, el profesor busca alcanzar el desarrollo cognitivo de los contenidos y conceptos para superar el sentido común. En este sentido, el trabajo objetiva discutir sobre la producción de la clase como un acto de mediación didáctica, a partir del análisis de dos docentes de las escuelas públicas de São Gonçalo (RJ), observando la forma que éstos producen el conocimiento. Para ello, se eligió como metodología la etnografía escolar, que se fundamenta en observar y analizar al sujeto en la escuela, así como los profesores y los alumnos. Como resultados, se observa que los dos profesores tienen diferentes concepciones de clase, en una con concepciones más tradicionales con clases expositivas, mientras que el otro busca mediar el conocimiento a partir de metodologías diversificadas y de representaciones vividas por los estudiantes para enseñar geografía.

Palabras clave: Mediación; Conocimiento Geográfico; Clase.

Introdução

Quando se discute questões relacionadas ao ensino, em especial ao ensino geográfico, o primeiro passo é pensar sobre a produção da aula, uma vez que ela é um dos elementos principais que possibilita a construção do conhecimento. Além disso, é preciso também refletir sobre os professores, pois eles possuem um papel fundamental em tal construção, na medida em que são os mediadores da aula.

Assim, pode-se dizer que a aula é o momento crucial no ato de ensinar, pois é uma atividade no qual os professores organizam a interação entre o aluno e o conhecimento, isto é fazendo relação entre os conhecimentos específicos e pedagógicos, como forma de buscar promover o ato consciente de seu trabalho (SACRAMENTO, 2012).

Gasparin (2002) define a aula como o momento de realização de cinco principais pontos: prática social inicial dos alunos (relação entre conhecimentos prévios dos alunos e dos professores); problematização do tema (reflexão sobre a prática do professor num viés social); instrumentalização (ações didáticas, e os recursos para pensar a aprendizagem); catarse (os alunos refletindo sobre o processo de aprendizagem seguindo um viés social) e prática social final (como a aula faz os alunos pensarem sobre o conteúdo associado a sua realidade).

Todavia, é importante destacar que isso não é uma receita pronta de aula, mas um caminho para a organização de uma aula com mediação do conhecimento. Dessa forma, é importante que os docentes pensem sobre suas práticas, de forma que organizem a construção do conhecimento geográfico dos alunos.

Dito isso, a mediação do conhecimento deveria ser produzida pelo professor em sua aula, pois possibilita um “conhecimento construído a partir das relações que os alunos fazem com o mundo, com os outros e com os saberes acumulados ao longo das histórias. Sendo assim, é importante, não só organizar e estimular os saberes dos alunos empíricos como científicos, mas também pensar como fazer a interação desses conhecimentos que são concretizados na prática escolar” (SACRAMENTO, 2012, p. 21).

Isto é, neste processo o professor e o aluno devem ser ativos; o aluno porque é o sujeito do processo e o professor porque é ele quem faz a mediação dos alunos com os objetos de conhecimento.

Nesse sentido, ao mediar o conhecimento geográfico, o professor constrói formas que permitem sua relação com o aluno, transcorrendo pelo conhecimento didático-pedagógico que ele tem e pelo próprio conhecimento sobre a geografia escolar, isto é, pelo próprio conhecimento sobre a ciência em questão (SOUZA; SACRAMENTO, 2017). Tendo em vista que a Geografia é uma disciplina ímpar, que possui nos seus conteúdos especificidades espaciais cujo devem ser trabalhadas, no sentido de aguçar nos alunos o sentido crítico sobre tais conteúdos.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo discutir sobre a produção da aula como um ato de mediação didática, a partir da análise da aula de dois docentes, de duas escolas públicas de São Gonçalo (RJ), sendo a escola 1 o CIEP 239 Elza Vianna Fialho e a escola 2 a Escola Estadual Lauro Corrêa (figura 1), observando a forma que estas articulam os conceitos e conteúdos geográficos ao cotidiano e de que maneira os alunos se apropriam desse conhecimento.

Quando se discute questões relacionadas ao ensino, em especial ao ensino geográfico, o primeiro passo é pensar sobre a produção da aula, uma vez que ela é um dos elementos principais que possibilita a construção do conhecimento. Além disso, é preciso também refletir sobre os professores, pois eles possuem um papel fundamental em tal construção, na medida em que são os mediadores da aula.

Assim, pode-se dizer que a aula é o momento crucial no ato de ensinar, pois é uma atividade no qual os professores organizam a interação entre o aluno e o conhecimento, isto é fazendo relação entre os conhecimentos específicos e pedagógicos, como forma de buscar promover o ato consciente de seu trabalho (SACRAMENTO, 2012).

Gasparin (2002) define a aula como o momento de realização de cinco principais pontos: prática social inicial dos alunos (relação entre conhecimentos prévios dos alunos e dos professores);

problematização do tema (reflexão sobre a prática do professor num viés social); instrumentalização (ações didáticas, e os recursos para pensar a aprendizagem); catarse (os alunos refletindo sobre o processo de aprendizagem segundo um viés social) e prática social final (como a aula faz os alunos pensarem sobre o conteúdo associado a sua realidade).

Todavia, é importante destacar que isso não é uma receita pronta de aula, mas um caminho para a organização de uma aula com mediação do conhecimento. Dessa forma, é importante que os docentes pensem sobre suas práticas, de forma que organizem a construção do conhecimento geográfico dos alunos.

Dito isso, a mediação do conhecimento deveria ser produzida pelo professor em sua aula, pois possibilita um “conhecimento construído a partir das relações que os alunos fazem com o mundo, com os outros e com os saberes acumulados ao longo das histórias. Sendo assim, é importante, não só organizar e estimular os saberes dos alunos empíricos como científicos, mas também pensar como fazer a interação desses conhecimentos que são concretizados na prática escolar” (SACRAMENTO, 2012, p. 21).

Isto é, neste processo o professor e o aluno devem ser ativos; o aluno porque é o sujeito do processo e o professor porque é ele quem faz a mediação dos alunos com os objetos de conhecimento.

Nesse sentido, ao mediar o conhecimento geográfico, o professor constrói formas que permitem sua relação com o aluno, transcorrendo pelo conhecimento didático-pedagógico que ele tem e pelo próprio conhecimento sobre a geografia escolar, isto é, pelo próprio conhecimento sobre a ciência em questão (SOUSA; SACRAMENTO, 2017). Tendo em vista que a Geografia é uma disciplina ímpar, que possui nos seus conteúdos especificidades espaciais cujo devem ser trabalhadas, no sentido de aguçar nos alunos o sentido crítico sobre tais conteúdos.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo discutir sobre a produção da aula como um ato de mediação didática, a partir da análise da aula de dois docentes, de duas escolas públicas de São Gonçalo (RJ), sendo a escola 1 o CIEP 239 Elza Vianna Fialho e a escola 2 a Escola Estadual Lauro Corrêa (figura 1), observando a forma que estas articulam os conceitos e conteúdos geográficos ao cotidiano e de que maneira os alunos se apropriam desse conhecimento.

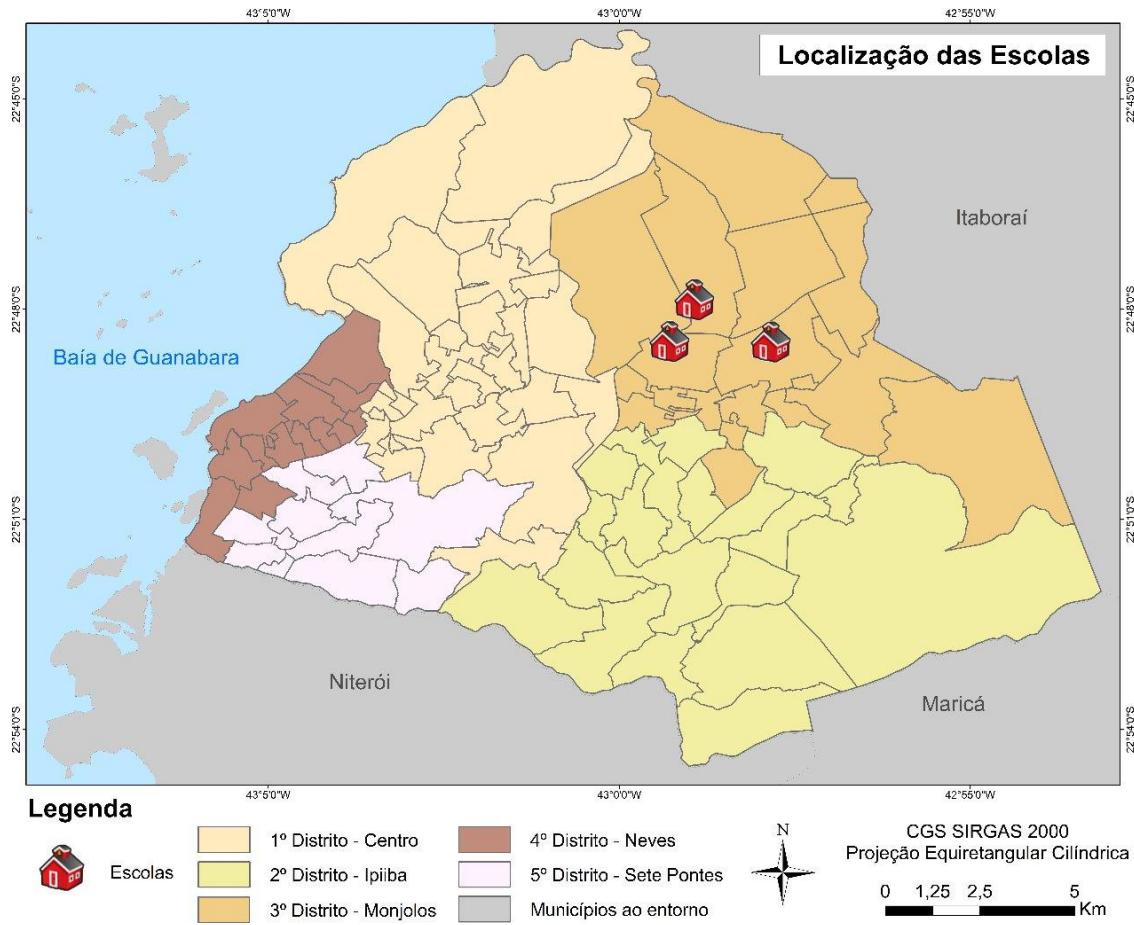


Figura 1 - Localização das duas escolas no município de São Gonçalo
Fonte: Arthur Alves Bispo dos Santos, 2019.

Vale ressaltar que este trabalho faz parte do projeto de pesquisa “Didática e Mediação os professores de Geografia em São Gonçalo”, cadastrado na UERJ, cujo fui bolsista de graduação entre o período de 2016 a 2018. E que se caracteriza pelo fato de entender como os professores buscam compreender o processo de mediação que orienta suas ações didáticas durante as aulas no município de São Gonçalo.

Sendo assim, no texto, será discutido sobre a constituição da aula, a partir das suas dimensões na escola e na sociedade; a produção da aula a partir dos princípios da mediação do conhecimento geográfico; a importância da mediação dentro do ensino; a etnografia escolar como uma metodologia essencial para entender as relações travadas entre a escola, os alunos e os professores; e, por fim, as observações gerais das aulas de dois professores de Geografia buscando compreender se os mesmos realizam a mediação em suas aulas.

A constituição da aula e suas relações com a escola

De acordo com Sacramento (2012) a aula é de extrema relevância na articulação das ações didáticas, isto é, na forma como os professores irão conduzir a organização e a produção do conhecimento escolar, partindo da relação com seu objeto: a mediação do saber. Isso porque

(...) Os professores analisam os principais aspectos do ato de ensinar, com o objetivo de refletir sobre as diferentes formas de atividades para a construção do processo de aprendizagem, ou seja, a possibilidade de intervir no conhecimento prévio dos alunos para que eles transponham para o conhecimento científico. (p. 105-106)

Romanovski; Martins (2011) também sinalizam isso, pois as autoras realizaram um trabalho de caracterização e relatos de diversas aulas em distintas modalidades e áreas de ensino, a partir do qual observaram que todas as aulas ao invés de servir como guia para a prática pedagógica, serviram de explicação e justificativa das práticas que acontecem na escola, pois

A escola constitui-se como instituição de práticas educativas historicamente situadas. Portanto, a aula circunscreve-se nas relações sociais estabelecidas no contexto histórico em que se efetiva. A aula é mediada pelas relações sociais entre professores e alunos, de forma prática. As formas de organização da aula vão expressar os modos de ser, agir e pensar dos homens em cada tempo histórico, sistematizadas em teorias pedagógicas. (p. 177-178)

Dessa maneira, a dinâmica da aula está completamente relacionada ao espaço escolar, e, logo, a práxis social, pois está materializada nas relações sociais, na qual o professor pode considerar na constituição de sua aula as demandas e objetivos da escola. Com isso, como apontam as autoras, o professor acaba ficando dependente realizar seu trabalho de acordo com a organização pedagógica da escola. É o caso, por exemplo do Currículo Mínimo do Rio de Janeiro (2012) no qual todas as escolas públicas do Estado devem seguir os conteúdos explicitados no documento e consequentemente, os professores devem organizar suas aulas a partir dos conceitos e conteúdos dentro deste.

Isso porque, Sacramento (2012) em sua pesquisa percebeu que diversos professores, de distintas escolas, por vezes tinham que usar os materiais ofertados pelos governos. Além de terem, ainda, os dirigentes/coordenadores estabelecendo que os docentes realizassem a sua aula seguindo exatamente os conteúdos e conceitos estabelecidos nos currículos.

Iosif (2007, p. 64) também destaca isso, quando diz:

Demo (2004a) atribui os pífios resultados da aprendizagem no Brasil ao currículo instrucionista implantado em nossas escolas, que segundo o autor, acreditam que o conhecimento pode ser repassado. As escolas trabalham o currículo como pacote de matéria a ser enfiado no aluno durante o período letivo, muitas vezes sob a expectativa de memorização mecânica. Nesse contexto, o professor tende a ministrar aula reprodutiva e espera que seus alunos reproduzam nas avaliações o conteúdo repassado.

Cabe ressaltar que até os próprios professores condenam isso, pois como mostra Sacramento (2014), em seus relatos, eles sinalizam que os currículos não correspondem à realidade da escola e dos alunos, mas que ainda assim, são impostos pelas Secretarias, a partir de exigências voltadas para

uma política de currículo ligadas a fatores econômicos e políticos, onde o cotidiano escolar muitas das vezes não é considerado.

Desta maneira, a aula acaba se limitando ao que Romanovski; Martins (2011) denominam de “sistematização coletiva do conhecimento”, no qual tanto os professores, quanto os alunos, trabalham como produtores dessa lógica, estabelecida por estas instituições.

Todavia, mesmo com essas dificuldades, não se pode esquecer que os professores e os alunos, por serem sujeitos participantes da aula, ainda têm sua importância na realização desta.

A aula e suas dimensões no âmbito social

A importância da aula precisa ser pensada a partir de uma mediação entre os conhecimentos do professor e do aluno, uma vez que as formas e práticas da relação professor-aluno-escola incidem completamente na constituição dela.

Para isso é necessário trazer o porquê das coisas, dos fatos, das definições e dos conceitos, ou seja, é preciso explicar os conteúdos com olhar crítico, para desenvolver uma análise de múltiplas relações sociais históricas, para buscar trabalhar a espacialidades vividas pelos alunos em suas escalas de análises (ROMANOVSKI; MARTINS, 2011).

Isso porque de acordo com Veiga (2011), a aula é caracterizada por ser um espaço onde se realiza um conjunto de relações humanas e sociais permitindo um contíguo de experiências e interações. Assim, ela é:

um projeto de construção colaborativa entre professor e alunos. Envolve o pensar a docência e o agir, mas também implica desvelar o novo e enfrentar o imprevisto. A aula é um ato técnico-político, criativo, expressão da beleza e dos valores científicos e étnicos do professor e dos alunos. É ainda espaço de múltiplas relações e interações. Enfim, a aula é espaço da formação humana e da produção cultural. (p. 8-9)

Destarte, a aula é um lugar de muito aprendizado não apenas no âmbito profissional, como também no social, sendo um elemento essencial na formação humana. Por isso, o professor precisa pensar nela minunciosamente, pois realizá-la envolve uma série de fatores sociais importantíssimos na vida do estudante.

Araújo (2011) sinaliza que lecionar envolve uma mutualidade, pois implica na sistematização, organização, ordenação, coerência, metodotização, coesão, logicidade, racionalidade, entrelaçamento do conteúdo, da metodologia, e da avaliação, sendo coerente com os objetivos da mesma. Assim, é uma mediação educativa, na medida que ela tem que explicitar um direcionamento, dando sentido para aqueles que participam dela, neste caso, os professores e alunos.

Nesse sentido, segundo o autor, no que diz respeito a sua dimensão, a aula está associada a duas grandes vertentes: entre a *tecnia*, isto é, o “saber fazer” e a *polis*, o “saber para quê?”. Sendo que

a primeira se remete a metodologia utilizada na aula (técnica) e a segunda a finalidade intencional da primeira.

Em relação à origem gramática, o termo *tecnia*, deriva do tékhné, palavra usada entre os gregos para assinalar uma habilidade mediante a qual se faz algo (ARAÚJO, 2011). No que se refere a aula, a ação do professor ligada a *tecnia* abrange capacidades para adaptar-se os seus fatores constitutivos, objetivando o ensino e à aprendizagem. Isto é:

Com outras palavras, a aula se realiza em um espaço e em um tempo demarcados, mas apresenta uma composição de unidades, que pressupõe uma estruturação entre objetivo, finalidade, conteúdo, método e técnica de ensino, tecnologia e avaliação. São unidades inter-relacionadas em razão da própria aula. (p. 59)

Vale ressaltar que para exercer a aula é preciso considerá-la como uma totalidade, em que todos estes fatores precisam ser realizados juntos, como pequenas partes, que, unidas, formam o todo. Isso porque isolar ou considerar uma destas unidades mais do que as outras, pode acarretar numa aula incompleta, visto que não estão ponderando-se as suas particularidades.

Entretanto, não pode-se esquecer que a aula deve carregar um sentido ao ensino, ou seja, propiciar uma significação para os sujeitos. Sendo assim, deve inserir a cultura e os elementos cotidianos como fatores participantes neste processo, fazendo uma interlocução entre o científico e o cultural. Deste modo, a aula deve ser considerada como uma totalidade social, pois o seu processo cotidiano, isto é, uma rotina essencial da escola, é a própria trama social (ARAÚJO, 2011, p. 60). Dessa forma, a aula abrange uma pluralidade de elementos que não podem se limitar apenas a sala de aula.

E, é neste sentido que entra a *polis*, isto é, o questionamento que o autor faz sobre “saber para quê?” o qual para responder isto, ele concebe a aula como uma mediação cultural, ou seja, no sentido de que a aula não pode ser sustentada pelas “quatro paredes”, uma vez que ela possui uma amplitude muito maior que esta. Pois, além dos conteúdos científicos, ela envolve comunicação, métodos, contextos, planejamentos, organização e gestão escolar. Assim, abrange uma pluralidade de elementos que não podem se limitar apenas a sala de aula.

Considerando isso, para realizar esta mediação cultural, isto é, para dar sentido a aula, Araújo (2011) descreve quatro elementos principais:

a) Técnicas socializadoras: Técnicas que objetivam a aula como instância de socialização, a partir da utilização da: demonstração, dinâmicas de grupo, utilização de narrativas e etc. cujo são estratégias que problematizam o conteúdo abordado, trazendo o interesse dos discentes;

b) Interlocução social e cultural: que se concretizam pelas distintas modalidades de aula; ou seja, tanto pelo espaço físico que a limita, quanto pelos aspectos metodológicos que envolvem os conteúdos;

c) *Intencionalidade*: o professor deve demarcar as finalidades da aula, construindo possibilidades mediante o desenvolvimento intelectual da mesma; pois isso concretiza a sua importância.

d) *Intersubjetividade*: aqui, deve-se trazer o conceito definido anteriormente: *tecnia*; isto é, o saber fazer, conduzir e desenvolver na aula. E a intersubjetividade deve estar por detrás de tudo isso, sendo sistematicamente planejada e organizada e intencionada.

Destarte, a aula, possuindo a *tecnia e a polis*, toma um caráter qualitativo, pois ela envolve a técnica, isto é, a metodologia adotada e a sua finalidade, ou seja, para que ela serve cotidianamente.

A aula e a sala de aula promovem a constituição do sujeito humano para que se torne público, situando-o no âmbito dos conhecimentos sistemáticos de que compartilha a cultura. Trata-se de socializar a cultura sistemática herdada e construída, como se ela fosse um bastão a ser entregue pelas gerações capazes de exercer uma ação educativa, particularmente sobre as crianças, os adolescentes e os jovens. (ARAÚJO, 2011, p. 69)

Assim, propicia um sentido na vida dos sujeitos participantes, em especial aos alunos, que são o público-alvo do conhecimento, mostrando a eles a importância dos conteúdos estudados na sua própria vida.

A produção da aula como um ato de mediação do conhecimento geográfico

Segundo Sacramento (2012) a construção do conhecimento escolar tem como um dos fundamentos a mediação entre o professor-aluno-saber, provocando a práxis e o conhecimento sobre o cotidiano. Isto é, por mediação, entende-se que é a construção de “meios que possibilitem o professor a desenvolver uma relação ímpar com os alunos, envolvendo não só a disciplina escolar, mas todo meio que promova certa aprendizagem” (p. 235).

Nesse sentido, a autora elenca cinco elementos principais para se pensar a aula, elementos esses que inclusive foram utilizados no Roteiro de Observação, e ajudaram a direcionar o olhar para a observar as aulas:

a) *método de exposição pelo professor* – momento em que o professor exerce total controle sobre a aula;

b) *método de trabalho independente* – momento que o professor designa atividades onde o aluno torna-se independente para fazer os trabalhos solicitados pelo professor;

c) *método de trabalho em grupo* – momento em que o professor designa trabalhos coletivos, onde os alunos trabalham juntos;

d) *PBL* – momento que o professor utiliza a aula fazendo com que os alunos articulem as questões do cotidiano, com os conceitos e os conteúdos. Ou seja, buscando a problematização aguçando o desenvolvimento cognitivo do aluno;

e) *Estudo do meio* – quando o professor utiliza o trabalho de campo, buscando alternativas para analisar o espaço.

O professor tem o poder de decidir a melhor forma de como ensinar, uma vez que é ele, quem produz a sua aula. Contudo, sabe-se que existe diferentes formas de pensá-la como já destacado; assim sugere-se que o docente direcione sua aula, pois segundo Bulgaren (2010) é por meio de suas orientações que ele aguçará os alunos a refletirem criticamente e a se colocarem como sujeitos de sua própria aprendizagem. Para isso, é de extrema importância que ele dê relevância ao enfoque social na aprendizagem, pois é através da problematização desse social que o conhecimento começa a ser construído individualmente e socializado através da mediação do professor.

Entretanto, é importante ressaltar que mesmo que estes métodos sejam importantes para a mediação do conhecimento, o professor possui a sua autonomia. E, de forma alguma, se quer impor normas para que o professor exerça sua aula. Muito pelo contrário, entende-se que estes métodos são direções que auxiliam o docente a mediar o conhecimento.

Deste modo, o principal papel da Didática da Geografia é de possibilitar estratégias, caminhos, e formas que ajudem os professores a estruturarem suas aulas, a partir das diversidades e dos conteúdos a serem desenvolvidos pelos alunos, tendo como base o pensamento de distintas linhas pedagógicas, tal como as concepções geográficas (SACRAMENTO, 2012). Além disso, como destaca Sousa; Sacramento (2017, p. 2)

Considerando que a Geografia pode ser entendida como: “conjunto de fenômenos geográficos que estão localizados no espaço, no qual o homem modifica sua atuação sobre estes fenômenos e sobre o meio em que vive Sacramento (2012, p. 21)”, é essencial que o docente faça essa relação do espaço vivido do aluno juntamente com a reflexão a cerca das transformações realizadas nestes espaços.

Assim, todos estes métodos se complementam, pois mostram as dimensões da aula no âmbito pedagógico e docente, evidenciando caminhos para se fazer a mediação do conhecimento. Cabe ao professor utilizar a que ele acha melhor, isto é, a que ele consiga mediar o conhecimento articulado aos propósitos pedagógicos e geográficos.

A Mediação Didática e sua importância no ensino geográfico

Pensar na aprendizagem dos alunos, no contexto atual da educação brasileira, é de fundamental importância tendo em vista que para atingir um ensino de qualidade, é necessário priorizar o que está

sendo ensinado nas escolas. Nesse sentido, a construção do conhecimento é o que deve ser pensado e priorizado.

Dessa forma, a escola tem um papel importantíssimo nesse cenário, pois é o espaço em que são produzidas essas relações de conhecimento. Como destaca Ribeiro:

Baseado nos princípios de Vygotsky, Rego (2001), defende uma escola em que as pessoas possam dialogar, duvidar, discutir, experimentar, questionar e compartilhar saberes. Onde há espaço para transformações, para as diferenças, para o erro, para as contradições, para a colaboração mútua e para a criatividade. Uma escola em que professores e alunos tenham autonomia, possam pensar, refletir sobre seu próprio processo de construção de conhecimentos e ter acesso a novas informações. Uma escola em que o conhecimento já sistematizado não é tratado de forma dogmática e esvaziado de significado. Para isso a ideia de mediação social é perfeita. (RIBEIRO, 2007, p. 33)

Além disso, a escola também marca a vida dos seus alunos, pois todos nós, inevitavelmente, guardamos recordações da nossa trajetória escolar. Em especial aos professores, que marcam a sua atuação em nossas memórias, tendo em vista que a nossa formação profissional se realiza a partir do contato com diversos professores (ALTHAUS, 2008).

Nesse sentido, para realizar a mediação do conhecimento, o professor, que é o principal agente deste processo, precisa analisar sua didática cuidadosamente, visto que desde os primórdios sabe-se que a base para o conhecimento se alicerça nos saberes didáticos do professor. Assim, considerando que a didática é “uma seção ou ramo da Pedagogia que se refere aos conteúdos do ensino e aos processos próprios para a construção do conhecimento” Dalberio; Dalberio (2010, p. 2), o docente deve utilizá-la no sentido de sempre tentar romper as barreiras que são abordadas no trabalho. Isto é, para formar cidadãos críticos e capazes de se ver também como autores da sua aprendizagem.

Deste modo, o professor precisa ter em mente que sua função é muito mais que reproduzir o conteúdo, mas sim, é uma construção de uma visão de mundo para que o aluno (neste caso o mediado) possa conhecer os conceitos e conteúdos associados ao seu cotidiano (SACRAMENTO, 2012). Assim, no seu sentido etimológico, o ato de ensinar compreende aquilo que os professores indicam ou designam aos seus alunos, através, principalmente, do contato que estabelecem na sua prática pedagógica escolar (ALTHAUS, 2008, p. 2).

Destarte, a intervenção do professor como modo de regulação sobre a própria construção dos conhecimentos supõe uma mudança, pois, investindo na regulação interativa, pode compreender como os processos de aprendizagens estão ocorrendo, e assim percebendo as dificuldades do aluno (PERREDOUD, 1999).

Desta maneira, o ensino passa a ser visto como atividade social, o que garante que todos aprendam, visto que a escolaridade colabora para a humanização, logo, ameniza as difíceis condições

de sobrevivência. Dessa forma, só pode-se garantir a realização na tarefa de ensinar se tiver ocorrido a aprendizagem (DALBÉRIO; DALBÉRIO, 2010).

Assim, cabe a cada professor compreender os fundamentos didático-pedagógicos para trabalhar e usar aquele que tem mais sentido para a organização didática da sua aula (LIBÂNEO, 2007; SACRAMENTO, 2012).

Sabe-se ainda, durante a sua experiência, que o professor adquire seu próprio sistema de organização das suas aulas, os materiais que seriam necessários para a mediação, a forma como ensinar os conteúdos e os conceitos e os métodos didáticos que permitem a articulação entre a teoria e a prática das disciplinas específicas.

Neste contexto, entende-se por mediação como:

Mediar não significa tão somente, efetuar uma passagem, mas intervir no outro pólo, transformando-o". A mediação na esfera educativa guarda o sentido da intervenção sob inúmeras formas, desde as modalidades mais amplas — como a mediação sociopolítica que pratica a escola/o fenômeno educativo face aos alunos que se formam — às modalidades que se inserem no âmbito da prática pedagógica, onde se posiciona, primordialmente, o professor como mediador (ALTHAUS, 2008, p. 3).

Isto é, a mediação pedagógica, segundo a autora, comprehende a atitude e comportamento do professor como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, em que ele age como uma ponte entre o aluno e a aprendizagem. Assim, mediar seria aproximar as partes, sendo o professor um intermediário no processo.

Deste modo, o interesse pelo conhecimento vem no momento em que a aprendizagem torna-se significativa para o aluno, ou seja, quando se estabelece relações substantivas e não arbitrárias entre o que se aprende e o que já conhece. Pois o ensino de Geografia se diferencia das outras disciplinas, devido à especificidade de seus conteúdos, que abordam a dimensão espacial dos fenômenos. Assim, o seu ensino deve ser pensado, na perspectiva de fazer o aluno reconhecer, analisar e refletir sobre sua realidade, tendo como sentido básico, educar esse aluno geograficamente (SACRAMENTO, 2012).

Sendo assim, o docente consegue aproximar a realidade dos discentes aos temas estudados, fazendo uma conexão entre o conteúdo científico ao cotidiano dos mesmos. Isto é,

É pensar como sua consciência pode modificar a forma de ensinar Geografia e pensar como mediação pode articular o processo de ensino e aprendizagem, no intuito de organizar uma aula que oriente o saber do aluno. Para isso, as concepções didáticas dos professores são extremamente importantes para perceber as diferentes formas de ensinar. (SACRAMENTO, 2012, p. 236)

Isso porque ensinar Geografia significa pensar no espaço e na sua produção, e como que os fenômenos que estão localizados no mesmo modificam, e também são modificados, a partir das ações

dessas produções espaciais, ou seja, significa pensar no mundo e nos seres do mesmo, e de como estes modificam o espaço.

Assim, pensar nesta articulação entre conceitos científicos e cotidianos, o docente acentua a sensibilidade dos discentes para apreender os significados que eles dão aos conceitos científicos. Desta forma, o professor tem como referência na aprendizagem o saber do aluno para que possa fazê-lo enxergar como um ser importante e participante. Entretanto, não se deve desconsiderar o papel do professor nisso, tendo em vista que ele atua com o seu conhecimento científico, porém ligado a um contexto histórico-cultural, onde ele age como mediador fazendo conexões entre o seu conhecimento e o conhecimento cultural dos alunos (CAVALCANTI, 2005).

Dessa forma, pode-se dizer que com o professor utilizando as estratégias de mediação do conhecimento, ele faz a geografia se tornar importante para os alunos, pois os mesmos percebem que são parte integrante e transformadora de sua realidade. Considerando que a Geografia é “uma ciência que estuda o espaço, na sua manifestação global e nas singulares. Sendo assim, os conteúdos geográficos precisam ser ‘apresentados’ para serem trabalhados pelos alunos nessa dupla inserção: a global e a local” (CAVALCANTI, 2005, p. 203).

Sendo assim, o professor, ao atuar como mediador, possibilita a diversidade de significados e valores que estão contidos nos alunos, compreendendo que eles não são seres homogêneos visto que cada um carrega em si contextos e princípios distintos. Por conseguinte, tendo essa consciência, o docente consegue realizar um diálogo entre a disciplina e a realidade, mostrando que aprender Geografia é importante não apenas no sentido acadêmico, como também no cultural.

Face o exposto, vamos trazer, no próximo tópico, análises gerais sobre as aulas de Geografia de dois professores da rede pública de ensino, enumerados como professora 1 e professor 2, analisadas em diferentes períodos e em diferentes escolas. Buscando, a partir destas análises, compreender se os discentes conseguiram realizar a mediação em suas aulas.

Materiais e Métodos: Etnografia escolar para compreender as aulas dos professores

Para desenvolvimento deste trabalho, optou-se pela etnografia escolar como metodologia de pesquisa, visto que o objetivo é analisar a escola como um todo, mostrando a influência da realidade social da mesma, assim como os seus agentes. Isto é, mostrando dialética do trabalho docente e a aprendizagem do discente, apontando o professor como um sujeito ativo no processo de construção do saber.

Segundo Franco; Ghedin (2008) e André (2000), a etnografia escolar é um método de pesquisa qualitativa, que permite a compreensão do cotidiano como possibilidade de vivências únicas, impregnadas de sentido. Dessa forma, o cotidiano passa a ser percebido dentro da escola de forma

significativa, em que a preocupação está em analisar o contexto em que os sujeitos (professores e alunos) se inserem, trabalhando com variáveis, justamente para direcionar o olhar para estes.

Já Fino (2008), que também disserta sobre isso, destaca:

Conforme dizia Spradley (1979), a etnografia deve ser entendida como a descrição de uma cultura, que pode ser a de um pequeno grupo tribal, numa terra exótica, ou a de uma turma de uma escola dos subúrbios, sendo a tarefa do investigador etnográfico compreender a maneira de viver do ponto de vista dos nativos da cultura em estudo. (FINO, 2008, p. 1)

De modo geral, a etnografia escolar é uma metodologia de observação cujo centro é o seu estudo a partir das ações, do cotidiano e da cultura dos sujeitos pesquisados, fazendo as devidas interações entre estes. Além disso, considera o próprio pesquisador como um fator indissociável, na medida em que o mesmo deve estar inserido na sua investigação.

Cada um dos sujeitos carrega um conjunto de experiências sociais vivenciadas em diferentes espaços. Logo, para compreendê-los precisa-se considerar os conjuntos de crenças, valores, visão de mundo e etc. que acabam por elaborar uma cultura própria pelo qual sentem e atribuem sentido e significado ao mundo, à realidade onde se inserem. Dessa maneira, não há apenas um único mundo real, há uma diversidade, e ela precisa ser compreendida pela sociedade, principalmente pela educação (DAYRELL, 1999).

A mediação também pressupõe que o professor identifique o pensamento do aluno e acompanhe-o, desenvolvendo no mesmo as capacidades intelectuais que possibilitem ao aluno assimilar os conhecimentos (RIBEIRO, 2007). Assim, o professor não deve transmitir os conteúdos, mas sim ensinar o aluno a refletir e, consequentemente, a se apropriar do conhecimento.

Partindo do princípio de que o professor é o mediador que intervém nos saberes, a comunicação é um fator relevante neste processo. Isso porque segundo Perrenoud (1999) utilizando a comunicação como regulação, o docente coloca o aluno em frequentes situações, isto é, investindo em desafios, estratégias e obstáculos. Deste modo, a intervenção do professor como modo de regulação sobre a própria construção dos conhecimentos supõe uma mudança. Pois, investindo na regulação interativa permite ao professor compreender como os processos de aprendizagens estão ocorrendo, e, assim, percebendo as dificuldades do aluno.

Além disso, é essencial também que o professor busque integrar a cultura dos alunos ao ensino, visto que cada um deles carrega um conjunto de experiências sociais. Logo, para compreendê-los precisamos considerar a dimensão da experiência vivida, isto é, os seus conjuntos de crenças, valores, visão de mundo e etc. que acabam por elaborar uma cultura própria pelo qual sentem e atribuem sentido e significado ao mundo, à realidade onde se inserem (DAYRELL, 1999).

Considerando isso, o professor precisa planejar as suas atividades de ensino-aprendizagem, utilizando não apenas a sala de aula, mas também outros espaços (individuais e coletivos). Como

consequência, o docente acaba (e deve) por ter uma intencionalidade, que ajudará na escolha de uma metodologia que se adeque ao atendimento dos objetivos, dos conteúdos e das necessidades dos alunos (DALBÉRIO; DALBÉRIO, 2010).

Deste modo, a abordagem etnográfica escolar analítica de observação, permite um processo de interpretação que tem a possibilidade de compreensão do outro, daquilo que os sujeitos de verdade são.

Além disso, segundo André (2000), nessa abordagem, pode-se também trabalhar com três fases cujo são importantes para a construção do processo metodológico e logo necessário para a organização da pesquisa. São elas: escolha do local da pesquisa; sistematização dos dados e explicação e interpretação da realidade. Elas foram essenciais para este trabalho, pois ajudaram a orientar algumas definições de como proceder durante as observações e coletas de dados.

Entretanto, tratou-se apenas das duas primeiras. Porque, na última fase, aplica-se questionários aos professores e alunos, com perguntas sobre sua vida, cultura e etc. porém, grande parte dos sujeitos pesquisados não responderam o questionário, trazendo para a pesquisa pouca amostra. Assim, por não obter repostas suficientes, optou-se por não utilizar os questionários, e, por conseguinte, não sendo possível escrever sobre esta última fase.

Primeira fase: Seleção e definição de problemas, escolha do local onde será realizado o estudo e estabelecimento de contatos para entrada no campo

Esta fase tem como o objetivo investigar as ações didáticas de dois professores da rede pública de ensino da disciplina de Geografia, no Município de São Gonçalo (fig. 2), e a forma que estes articulam os conceitos e conteúdos ao cotidiano. Assim, observando as situações de ensino-aprendizagem e de que maneira os alunos se apropriam desse conhecimento.

A finalidade dessa fase está em refletir na prática educativa, isto é, se ao pensar na aula o docente preocupa-se em desenvolver uma consciência e uma mediação, já que este processo caracteriza pela consciência do professor em refletir sobre seu trabalho e sua didática.

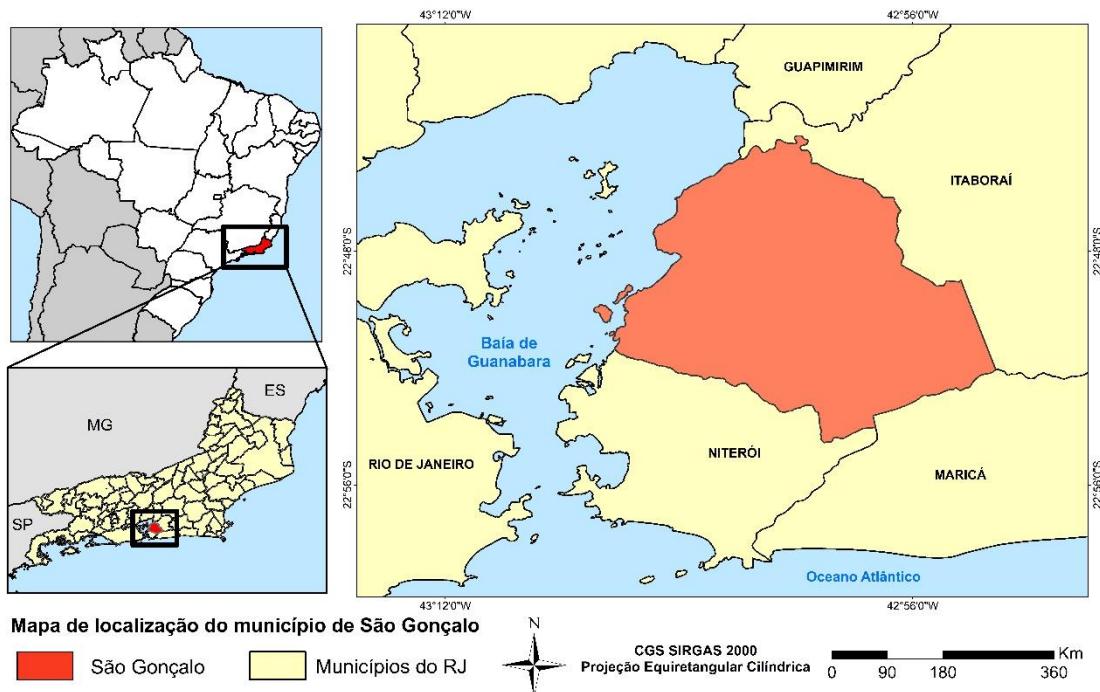


Figura 2 - Localização do município de São Gonçalo.
Fonte: Arthur Alves Bispo dos Santos, 2018.

Segunda fase: uma busca mais sistemática daqueles dados que o pesquisador selecionou como os mais importantes para compreender e interpretar o fenômeno estudado

Nessa segunda fase, as atividades realizadas nos colégios foram divididas em duas etapas consecutivas. A primeira etapa consistiu em conhecer o colégio, avaliar sua estrutura e sua funcionalidade. Elementos estes que foram sistematicamente organizados em um roteiro com dados gerais da escola. A segunda etapa consistiu em acompanhar as aulas ministradas pelos professores e analisa-las a partir do roteiro de observação de cada aula, isto é, um roteiro cujo tem como objetivo direcionar o olhar para a descrição e análise durante a pesquisa. Assim, apontando relações necessárias nesse processo, bem como, a contextualização e a análise do próprio conteúdo geográfico, da mediação e da consciência do trabalho docente.

A partir disso, observar qual metodologia eles utilizavam para alcançar os alunos ao ensino da Geografia, ou seja, de que forma os conteúdos estavam sendo transmitidos para os estudantes. Visto que o docente ao pensar no conteúdo a ser ministrado, precisa organizá-lo, estruturando suas aulas e criando métodos de aprendizagem para que o aluno consiga interpretá-lo.

Assim, a observação de campo permitiu focar em vários aspectos da aula, como envolvimento do professor com os alunos, a maneira como ele conduz a aula, os meios avaliativos, a didática e etc. Assim, a partir disso conseguiu-se analisar a forma como esse conhecimento foi transmitido, e principalmente, se foi colocado a realidade que os discentes vivem.

Observações e análises das aulas de Geografia

As observações das aulas da professora 1 ocorreram em duas turmas de 1º ano, durante o 4º bimestre, no ano de 2017, na escola CIEP 239 Profª Elza Vianna Fialho (figura 3). As aulas foram constituídas de duas aulas horas-semanais, sendo observadas 32 aulas no total, isto é, 16 da turma 1002 e 16 da 1003.

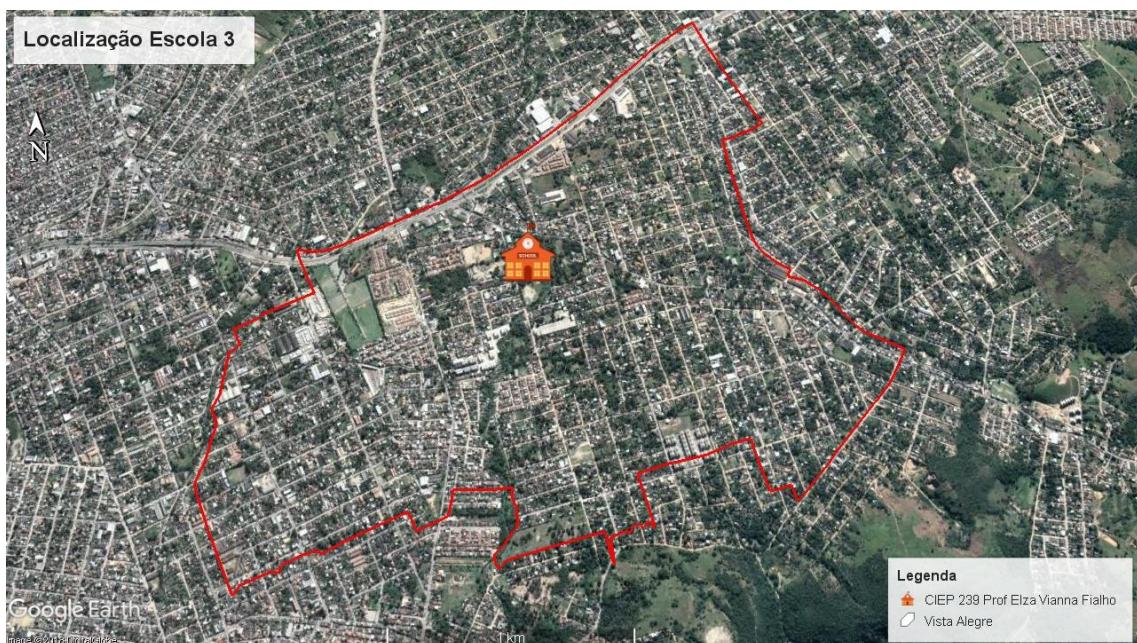


Figura 3 - Localização do CIEP 239 Profª Elza Vianna Fialho

Fonte: Arthur Alves Bispo dos Santos, 2019.

Em relação aos conteúdos, a professora dirigiu sua aula a partir do Currículo Mínimo de Geografia definido pela SEEDUC, que, no 4º bimestre, tem como tema “A questão ambiental”, cujo objetivo os seguintes pontos: a análise de diversas formas de ocupação ao confrontar os interesses socioculturais, políticos, ambientais e econômicos existentes na paisagem; discussão do modelo de civilização fundamentado na exaustão dos recursos naturais; contextualização das principais conferências internacionais para o ambiente; análise dos principais problemas ambientais em diferentes escalas; e análise e discussão das implicações econômicas, políticas, sociais e ambientais das matrizes energéticas brasileiras (SEEDUC, 2012).

Desta forma, ela baseou seus conteúdos a partir disso, entretanto, vale destacar que ela não utiliza o livro didático, pois a escola (por falta de quantidades suficientes) não disponibiliza os livros.

O tema foi explicado a partir dos fenômenos atmosféricos, da poluição e das consequências resultantes. Temas importantes, na medida que trazem a reflexão das ações humanas e como estas influenciam no próprio ambiente, além de sempre caírem no vestibular. Entretanto, foi observado que não foi dada a devida relevância para tal, tendo em vista que a professora explicou-os de forma vaga, sem aprofundar muito no assunto.

No que se refere às aulas, ela intercalava, pois tinham aulas que eram destinadas somente para fazer trabalhos, isto é, aulas “práticas” e aulas expositivas – “teóricas”. Nas aulas expositivas, ela sempre desenvolvia a partir de três etapas: escrevia um resumo no quadro, esperava a turma copiar (um bom tempo) e explicava. Já nas aulas “práticas”, ela deixava a aula somente para os alunos realizarem os trabalhos e discutirem entre si.

Dessa forma, ela não explorava outros materiais, ficando sempre limitada ao quadro. E, é importante destacar que com o tema ambiental, tem-se uma gama de materiais que podem ser desenvolvidos para a aula, como: imagens, mapas, artigos de jornais/ revistas e etc. que, se utilizados, trazem uma riqueza imensa para a aula, na medida em que demonstra aos alunos a ocorrência destes fenômenos na sociedade.

Assim, observou-se que a docente possuía uma concepção de aula a partir de um viés tradicional, isto é a partir daquele modelo de professor técnico, em que as aulas são geradas a partir, principalmente, da transmissão de conhecimento. Além de não contribuir para uma aprendizagem geográfica significativa, visto que o ensino geográfico deve ser pensado, na perspectiva de fazer o aluno reconhecer analisar e refletir sobre sua realidade, tendo como sentido básico, educar esse aluno geograficamente (SOUSA; SACRAMENTO, 2017).

Em relação a sua avaliação, pode-se dizer que é diferente, pois é composta de trabalhos, isto é, sem provas. Ao longo do bimestre a professora passou quatro: *atividade 1* valendo 2 pontos; *atividade 2* valendo também 2, *atividade 3* valendo 1 e *atividade 4* valendo 5 pontos. Sendo todas em dupla, e repetindo um padrão de formatação: um texto explicativo sobre o fenômeno pesquisado, e após o texto, 10 questões sobre o fenômeno sendo todas as respostas das questões possíveis de ser encontradas no próprio texto. Ou seja, sendo uma atividade muito mais ligada a interpretação de textos, em que os alunos não precisavam refletir nos conceitos e conteúdos próprios da Geografia.

Deste modo, observamos que a professora 1 não realiza mediação do conhecimento em suas aulas, pois embora tente sair do comum (exemplo com o não uso do livro didático e da prova) isto é, utilizar de outros materiais e/ou formas de ensinar, não aguça o sentido crítico no aluno, pois a partir das avaliações, como visto, não era necessário refletir sobre, mas sim interpretar textos, deixando o real sentido ensino geográfico de lado. Pois, numa prática que há a transmissão de conteúdos a aprendizagem torna-se um processo mecânico que expede à aprendizagem repetitiva e à memorização de conceitos (RABELO, 2010).

Já as observações do professor 2, foram realizadas em duas turmas de 6º ano, durante o 2º bimestre, no ano de 2014, na Escola Estadual Lauro Corrêa (figura 4). As aulas também foram constituídas de duas aulas horas-semanais, sendo observadas 32 aulas no total.

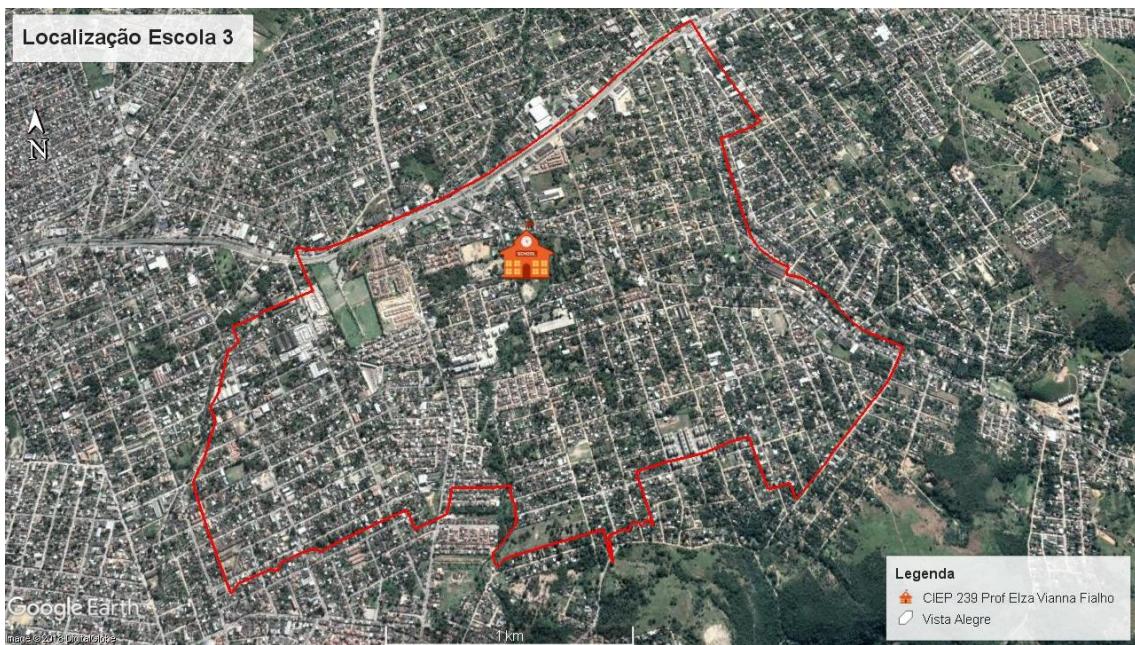


Figura 4 - n Localização da Escola Estadual Lauro Corrêa : Arthur Alves Bispo dos Santos, 2019.

Fonte: Arthur Alves Bispo dos Santos, 2019.

No que tange aos conteúdos, o professor 2 também se baseou a partir do currículo mínimo, que no 2º bimestre tem como tema “alfabetização cartográfica”, com foco em: reconhecer os elementos do mapa e sua importância para leitura de mapas; identificar orientação na superfície terrestre; localizar e orientar-se na superfície terrestre; interpretar mapas de base e temáticos; e reconhecer as especificidades dos movimentos da Terra (SEEDUC, 2012).

O uso do livro didático, assim como para a professora 1, era também um obstáculo, pois os estudantes só podiam utilizá-los no colégio. E como a maioria dos alunos não podia ficar na escola, pois não possuíam essa disponibilidade de ficar durante todo o dia, esse material não era utilizado pelo professor. Em decorrência disto, o professor 2 procurava preencher o caderno com conteúdos. Dessa maneira, o professor buscava dinamizar as suas aulas, tomando o cuidado delas não se transformarem em aulas apenas conteudistas.

Assim sendo, o professor 2 procurava tornar suas aulas mais dinâmicas, para aguçar o interesse dos estudantes, evitando que elas não ficassem repetitivas e cansativas para eles. Dessa forma, ele utilizava uma diversidade de materiais, tais como: trabalhos com colagens, pinturas, desenhos e etc. Ou seja, buscava alternativas diversas para alcançar a aprendizagem dos estudantes, e que auxiliaram no processo de produção da aula a partir da mediação, pois “a construção do saber geográfico requer articulações e mediações de conhecimentos didático-pedagógicos sobre o que é a Geografia e qual sua importância para o cotidiano do aluno” (SACRAMENTO, 2012, p. 307).

Deste modo, observou-se que o professor 2, buscava aproximar os conteúdos geográficos com a realidade dos educandos, isto é, com seu contexto, tanto em escala local, quanto regional e nacional, acarretando, assim em um maior interesse e compreensão nas aulas.

Um outro ponto que também diferencia da professora anterior, é a sua preocupação com o conteúdo e os conceitos geográficos. Visto que, em suas aulas, o mesmo sempre procurou explicar o conteúdo geográfico primeiro, para somente depois trazer as dinâmicas citadas. Isto é, a sua aula era produzida seguida sempre a partir de uma ordem, e consequentemente de uma mediação: entre o conteúdo e as atividades. Pois primeiro ele explicava a matéria (normalmente utilizando o quadro, devido a escassez de materiais disponibilizados pela escola), e após a explicação ele passava tais atividades.

Além disso, o professor preocupava-se com a realidade dos discentes, pois buscava relacionar o cotidiano dos mesmos ao conteúdo, além de considerar a realidade social da escola (exemplo com a questão do livro didático) em suas aulas.

Nesse sentido, diferentemente da professora 1, pode-se afirmar que o professor 2 realizava mediação do conhecimento em suas aulas, uma vez que utiliza-se de diferentes métodos para ensinar o conteúdo geográfico. Até porque mediar o conhecimento não significa tornar a Geografia disciplina sobre os fatos da atualidade, como se fosse matérias de jornais e revistas, mas sim fundamentá-la em conceitos e conteúdos, de modo que haja a compreensão dos alunos sobre o significado dos fenômenos geográficos no seu cotidiano (SACRAMENTO, 2012).

Considerações Finais

Assim, a partir desta pesquisa pode-se concluir que é de suma importância que os professores realizem a mediação do conhecimento geográfico em suas aulas. Pois aula é o lugar da concretização do ensino, isso porque é um momento único, por meio do qual o professor concretiza a mediação dos conteúdos e dos conceitos para os alunos que se expressam em diferentes níveis (SACRAMENTO, 2012). Ou seja, é o momento mais importante do processo de ensino aprendizagem, além de ser o espaço de atuação dos professores, em que por meio dela, ele deve organizar a relação entre o aluno e o conhecimento.

Já em relação aos professores pesquisados, percebe-se que a professora 1 não realiza a mediação do conhecimento em suas aulas, isso porque ela não intercalava os métodos de ensino, pois durante todo o bimestre, foram apenas três aulas “teóricas”. Isto é, aulas com conteúdo geográfico de fato. As outras, as aulas “práticas” foram aulas destinadas para a realização de atividades. Compreende-se que, a professora tentou intercalar os métodos, todavia não soube mediá-los. Pois

observou-se que o conteúdo ficou defasado, sem uma real discussão sobre o que eram os fenômenos e os seus impactos na vida humana.

Já o professor 2 realizou mediação em suas aulas, uma vez que preocupava-se em relacionar o cotidiano dos estudantes ao conteúdo geográfico, além de usar métodos diversificados, buscando alcançar a aprendizagem de todos os estudantes. Isto é, apresentando formas didáticas diferentes que acrescentassem à formação individual de cada aluno.

Portanto, a partir de toda a discussão realizada neste trabalho, sobre a produção e constituição da aula a partir dos princípios da mediação, enfatiza-se a importância dos professores entenderem que são uma peça significativa na formação e aprendizagem dos alunos. E que, para alcançar a efetividade disso, é necessário fazer o exercício de compreensão do outro, das suas experiências próprias. E, principalmente, que é necessário fazer a mediação, entre essas experiências e o conteúdo geográfico, possibilitando uma aprendizagem eficaz, pois o aluno se vê como um sujeito importante na Geografia, e assim consegue aprender melhor o seu conteúdo.

Referências

ALTHAUS, Maiza. O ensino na sala de aula: a mediação como tema constitutivo na formação e atuação docente. In: IV Congresso de Educação da Fadep: Mediação Pedagógica., 2008, Pato Branco - PR. *Anais...*, 2008, p. 1-6.

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. 5^a edição. Campinas, SP: Papirus, 2000.

ARAÚJO, José Carlos Souza. Disposição da aula: os sujeitos entre a tecnia e a polis. In VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Aula: Gênese, Dimensões, Princípios e Práticas**. Campinas, SP: Papirus, 2011, p. 45-72.

BULGAREN, Vanessa. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo**, Capivari, v.1, n.4, ago./dez. p. 30-38, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, Mediação Pedagógica e Formação de Conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005

DALBERIO, Maria Célia Borges; DALBERIO, Osvaldo. A formação docente: a mediação da didática para um ensino de melhor qualidade. **Revista Iberoamericana de Educación / Revista Ibero-americana de Educação**, p. 1-11, n.^o 51/5, 2010.

DAYRELL, Juarez (Org). A escola como espaço sócio-cultural. In: **Multiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: ED. UFMG, 1999, p. 137-161.

FINO, Carlos Nogueira. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais, **Educação e Cultura**, p. 1-10, 2008. Disponível em: <<https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/809/1/Fino17.pdf>>, acesso em: 15/05/2018.

FRANCO, Maria Amélia Santoro; GHEDIN, Evandro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação.** São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção Docência em formação. Séries saberes pedagógicos).

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica.** São Paulo: Autores Associados. 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação. Da Excelência à Regulação das Aprendizagens.** Porto Alegre: Artmed Editora 1999

RABELO, Kamila Santos de Paula. A avaliação da aprendizagem no processo de ensino em geografia. **Ateliê Geográfico** Goiânia-GO v. 4, n. 4 dez, p.222-249, 2010.

RIBEIRO, Elizabeth da Silva Cruz. **A Prática pedagógica do professor mediador na perspectiva de Vigotsky.** Monografia de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Universidade Cândido Mendes – Instituto a Vez do Mestre Psicopedagogia. Rio de Janeiro, 2007, 42f.

ROMANOVSKI, Joana Paulin; MARTINS, Pura Lúcia Oliver. A aula como expressão da prática pedagógica. In VEIGA, Ilma Passos. **Aula: Gênese, Dimensões, Princípios e Práticas.** Campinas. SP: Papirus, 2011. p. 169-186.

SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. **A consciência e a mediação: um estudo sobre as didáticas contemporâneas dos professores de geografia da rede pública de São Paulo e do Rio de Janeiro.** Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Física. 2012. 325 f.

SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. O papel do professor na escola pública enquanto mediador: algumas reflexões. VII Congresso Brasileiro Geógrafos: A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos. Anais do VII CBG, Vitória/ES. **Anais...** 2014. p. 1-12.

SOUSA, Rafaella César dos Santos; SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. Concepções didáticas e mediação das aulas de geografia: Estudo de professores da rede pública de ensino do município de São Gonçalo (RJ). Anais do XIII Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia: conhecimentos da Geografia: percursos de formação docente e práticas na educação básica. Belo Horizonte: IGC, **Anais...** 2017, p. 873-884.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Apresentação. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Aula: Gênese, Dimensões, Princípios e Práticas.** Campinas. SP: Papirus, 2011. p. 7-12.